

APRESENTAÇÃO

DE MALVISTA E MAL AFAMADA À NAMORADINHA DO ENSINO DE LITERATURA?

Francisco Neto Pereira Pinto (PPGLLIT/UFNT)

Gabriela Rodella de Oliveira (PPGE-FEUSP/UFSP)

A leitura subjetiva, uma abordagem que integra reflexões sobre o ensino da literatura e a formação de leitores e leitoras, continua a ser um tema emergente e instigante para pesquisadores, professores e educadores nos campos dos estudos literários e da educação no Brasil.

Traçando-se uma breve trajetória histórica e teórica sobre a centralidade do leitor na teoria literária¹, poderíamos destacar, entre outros pensadores: Hans Robert Jauss ([1977] 1994), para quem, já na década de 1970, os critérios de julgamento literário deveriam ser baseados nas dimensões estética (interna ao campo literário) e ética (externa, vinculada às experiências e condições sociais do leitor); Wolfgang Iser ([1976] 1996), que, a partir do conceito de “leitor implícito”, analisa como os textos orientam os leitores empíricos, exigindo deles uma interação dialética entre uma expectativa do porvir e a memória do já lido; Roland Barthes ([1973], 2006), cuja descrição de dois regimes de leitura possíveis para o leitor dá conta do progressivo (focado no enredo) e do interpretativo (voltado para implicações e significâncias), permitindo combinações entre ambos; Umberto Eco (Eco, [1962] 1989), que diferencia “leitores-modelos” em dois níveis: o que aprecia o conteúdo e se deixa levar pela trama (vítima) e o que analisa a forma, aprecia a estética (crítico), ressaltando que essas experiências não são excludentes.

Na França, Anne-Marie Chartier (1990) identifica uma crise da leitura no final do século XX, que impulsiona pesquisas sobre ensino de literatura. No início do século XXI, Annie Rouxel e outros pesquisadores e teóricos da didática da literatura naquele país passam a investigar e a destacar a subjetivi-

¹ Essa trajetória é mais bem desenvolvida por Gabriela Rodella de Oliveira em capítulo intitulado Diários de Leitura em Sala de Aula de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens, parte do livro *Questões de leitura e ensino na contemporaneidade: entre pressupostos e práticas*, no prelo, organizado por Francine Fernandes Weiss Ricieri e Rita Jover-Faleiros, para a Editora da Unifesp.

dade do leitor como essencial para a prática da leitura literária e a vivificação do texto, configurando um campo de ensino de literatura centrado na interação entre texto e leitor. Surge, então, conforme destaca Rouxel em artigo publicado na Revista Criação & Crítica, da USP, em 2012, o I Colóquio de Didática da Literatura, realizado em Rennes, na França:

Em 2004, realizou-se em Rennes o colóquio “Sujeitos leitores e ensino da literatura”, que marca a entrada da noção de sujeito leitor no campo da didática da literatura. O contexto da época era caracterizado por uma crise da leitura... escolar. (Rouxel, 2012)

No Brasil, as OCEM (2006) recomendam priorizar o contato direto com obras literárias integrais no ensino médio, promovendo fruição estética e ampliando horizontes de expectativa. Não por acaso, Neide Luzia de Rezende, uma das autoras das OCEM no que diz respeito ao ensino de literatura, é também responsável pela publicação, em 2013, do seminal **Leitura subjetiva e ensino de literatura**, coletânea organizada por Annie Rouxel, Gérard Langlade e ela mesma, a partir de textos publicados na França em 2004. A relação entre as pesquisadoras tem início no IV Colóquio de Didática da Literatura, ocorrido em Toulouse, em 2008, do qual Rezende participa, e se aprofunda com a vinda de Annie Rouxel para a I Jornada de Literatura e Educação, organizada por Neide Rezende, Rita Jover-Faleiros e Maria Amélia Dalvi, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em 2012.

De lá para cá, neste 2024, o grupo de pesquisadores francófonos chegou ao 20º Colóquio de Didática da Literatura, dos quais pesquisadores brasileiros participaram eventualmente. Aqui no Brasil, em 2022, foi organizada a V Jornada de Literatura e Educação, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp), tendo sido antecedida pela I Jornada, na Ufes, conforme apontado acima; pela segunda, na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), em 2014; a terceira tendo ocorrido na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), em 2016; e a quarta tendo sido realizada na Universidade Federal da Paraíba, em 2019. Nessas ocasiões, a noção de leitura subjetiva e suas relações com o ensino de literatura esteve sempre presente como objeto de debate.

Em 2020, Neide Luzia de Rezende e Francisco Neto Pereira Pinto organizam o dossiê A didática Literária no Século XXI, publicado em março de 2021 na Revista EntreLetras, periódico vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, da Universidade Federal do Norte do Tocantins, campus de Araguaína. Dentre os 22 textos que compõem o dossiê, os organizadores constatam que a leitura subjetiva está presente em sua grande maioria - em alguns casos, a subjetividade comparece como uma dimensão constitutiva da leitura do texto literário, em outros, a leitura subjetiva é assumida enquanto uma perspectiva teórico/metodológica. De todo modo, para o dossiê, os organizadores não construíram um bloco denominado leitura subjetiva com o fim de abrigar os textos que assumiam a subjetividade como uma de suas balizas orientadoras, optando por agrupá-los sob o guarda-chuva leitura literária.

Embora ainda não esteja claro o que, de fato, seja a leitura literária, se um conceito, abordagem ou apenas uma noção, Neide Rezende, em seu texto O ensino de literatura sob o viés da licenciatura, de 2017, já propunha certos contornos para a leitura literária que a colocam no espectro de abordagens que assumem a subjetividade como constitutiva do ato de ler literatura. Para a autora, o ensino da lite-

ratura tem sido empregado para se referir à tradicional abordagem que privilegia o ensino e geralmente se configura como ensino da história da literatura. Por outro lado, a leitura literária se concentra no polo da aprendizagem, conferindo primazia ao leitor e aos seus modos de ler. O deslocamento, de um polo ao outro, como se observa, não é nada discreto e se constitui como um movimento que pode ter impactos significativos nos modos de se ensinar literatura na escola.

Na entrevista *Leitura subjetiva de literatura e leitura literária*, concedida em 2022 a Francisco Neto Pereira Pinto, Neide Rezende estabelece a compreensão de que a leitura literária abarca práticas escolares envolvendo o ensino da literatura e se vincula ao projeto de formação educacional do sujeito, sendo, portanto, mais ampla do que a leitura subjetiva, conforme se convencionou a chamar a leitura do aluno, no Brasil, a partir da vertente francesa. A leitura do aluno, por vezes impressionista e até mesmo alucinada, seria, então, para a estudiosa, como uma parte daquelas práticas educativas envolvendo o estudo da literatura na escola.

Do nosso ponto de vista, a leitura subjetiva já se configura como uma abordagem que contempla as interfaces teórico/metodológica capaz de orientar o ensino da literatura na escola. De uma perspectiva metodológica, o arcabouço dispõe de orientações que dão conta, por exemplo: 1) da ensinagem do professor; 2) do trabalho com o texto; 3) da aprendizagem do aluno. Jouve, em seu texto *A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas*, de 2013, propõe um percurso que contempla essas três dimensões por 1) o primeiro momento é reservado à leitura do texto literário, quer integral, quer em parte, ao que se segue o processo interpretativo, privilegiando as interpretações livres, as reações espontâneas dos alunos; 2) o segundo passo consiste em confrontar essas interpretações com os dados textuais, verificando quais encontram ancoragem, e quais não, no texto lido. O objetivo é desenvolver e aprofundar a capacidade heurística dos alunos. O professor age qual mediador e evita impor sua interpretação como única legítima; 3) por fim, na terceira etapa, o professor acolhe as interpretações que não encontram ancoragem no texto, bem como aquelas contraditórias, e indaga o seu porquê, levando, assim, os alunos a elaborar conhecimentos mais profundos sobre si mesmos. A ideia não é descartar essas interpretações marginais, mas, sim, fazer delas instrumento de construção de conhecimento.

É preciso ressaltar ainda que Rouxel conta com um corpo de textos já publicados no Brasil a partir dos quais elabora um quadro de propostas abrangente, robusto e generoso para o ensino da literatura na perspectiva da subjetividade. Em seu texto *Aspectos metodológicos do ensino da literatura*, de 2013, a estudiosa francesa destaca quatro aspectos interessantes para a didática literária implicada: a finalidade do ensino da literatura; os saberes que o leitor constrói a partir do estudo da literatura; a escolha das obras a serem trabalhadas em sala de aula; e o papel do professor. Quanto ao primeiro aspecto, a finalidade do ensino da literatura se define como a formação de um sujeito leitor livre, responsável, crítico, sensível e inteligente, aberto aos outros e ao mundo. No que toca aos saberes que se espera que os alunos construam, desdobram-se em: 1) saberes sobre os textos, o que envolve conhecimentos sobre os gêneros, sobre a poética dos textos, sobre o funcionamento discursivo etc. Neste momento do percurso, será exigido do professor, quer de maneira explícita ou não, que lance mão da teoria literária e da história da literatura; 2) saberes sobre si, que envolve o desenvolvimento e a consolidação da capacidade de formar e expressar juízo estético, crítico e reflexivo sobre os textos literários, tanto de forma oral quanto escrita e, para tanto, o professor pode propor, além de rodas de conversa, debates e

seminários, atividades escritas, tais como diário de bordo e biografias de leitores; 3) o terceiro tipo de saber se relaciona ao metaléxico, voltado à construção de conhecimentos sobre como os dados textuais, as pistas linguísticas, orientam a leitura. No que toca ao terceiro aspecto metodológico, este diz respeito às escolhas das obras literárias, que devem primar pela diversidade, incluindo tanto as seleções oficiais, como também a livre escolha do professor. Essa diversidade inclui os eixos geográfico, histórico, de gênero e de conteúdo existencial. Por fim, o quarto e último aspecto se vincula ao papel do professor. Nesse sentido, não se concebe o professor como transmissor de um conhecimento já pronto e acabado e, para além disso, desencarnado, mas sim como um construtor e mediador, cujo trabalho se equilibra sobre três pilares: 1) o saber já construído e consolidado, tais como prescrições oficiais, conhecimento acadêmico veiculado em publicações e eventos científicos e livro didático; 2) o saber elaborado pelo próprio professor; e 3) os saberes construídos pelos próprios alunos.

Fato é que o livro **Leitura subjetiva e ensino de literatura**, traduzido, organizado e publicado em 2013 potencializou o campo do ensino de literatura e da leitura subjetiva no Brasil com discussões sobre a importância da experiência subjetiva na formação de leitores e leitoras e na interpretação literária. Passada mais de uma década desde a publicação desta importante obra em português, seus efeitos e desdobramentos ainda estão em processo de avaliação e exploração. Foi esse processo que nos impulsionou à proposição deste dossiê que visa aprofundar as discussões sobre a leitura subjetiva, investigando suas implicações teóricas e metodológicas no ensino de literatura. As questões que nos moveram foram: Quais são as principais definições e abordagens teóricas da leitura subjetiva?; Como as experiências pessoais e subjetivas dos/as leitores/as influenciam a interpretação literária?; De que maneira a leitura subjetiva pode ser/tem sido integrada no ensino de literatura em escolas e universidades?; Quais são as metodologias e estratégias mais eficazes para fomentar a leitura subjetiva entre estudantes?; Como a subjetividade do/a leitor/a pode ser utilizada para fomentar a análise e a crítica literária?

Assim, o artigo *Sujeito Leitor e Leitura Literária: Que Modelos para Que Questões?*, de Jean-Louis Dufays, analisa os conceitos de leitura literária e sujeito leitor, propondo uma articulação teórica entre eles. O autor revisa abordagens históricas e contemporâneas, discutindo três modelos de leitura literária: o distanciamento crítico, a participação psicoafetiva e o vaivém dialético entre essas posturas. Explora também três concepções de sujeito leitor: normativa, emancipatória e descritiva. Dufays argumenta que a leitura literária e o sujeito leitor devem ser compreendidos de maneira complementar e operativa, destacando a importância da subjetividade no ensino de literatura. O artigo propõe cenários didáticos concretos que articulam as dimensões subjetiva e intersubjetiva, com vistas a promover práticas pedagógicas equilibradas e transformadoras.

Já o artigo *Em Meio à Subjetividade da Leitura: Marcas de um Leitor Subjetivo* explora o conceito de subjetividade no ato de ler, articulando as noções de sujeito leitor e leitura subjetiva. Fundamentado em autores como Edgar Morin e González Rey, o estudo analisa como o leitor constrói sentidos a partir de suas vivências e emoções, destacando a relação entre leitura e formação identitária. O texto enfatiza a leitura literária como uma experiência transformadora, que mobiliza cognição e afetividade, e apresenta reflexões teóricas sobre o papel da subjetividade no ensino de literatura. A pesquisa propõe uma abordagem que valorize a singularidade do leitor e promova a interação entre texto e contexto cultural.

Em *Experiências Performáticas de Leitura Literária: Reverberações Subjetivas* a interação entre leitura literária, subjetividade e performance é analisada a partir das experiências de leitura de professores de inglês. Baseado em entrevistas qualitativas com dez docentes, o estudo investiga como a leitura literária mobiliza aspectos emocionais, cognitivos e corporais, reforçando a identidade do professor-leitor. Ancorado em conceitos como experiência (Larrosa) e performance (Zumthor, Schechner), o trabalho explora as fases de preparação, vivência e reverberação da leitura, destacando o papel da literatura na ressignificação do cotidiano e na mediação cultural. O artigo propõe a valorização da leitura como prática singular e coletiva, evidenciando seu impacto na formação de leitores críticos e conscientes.

O artigo *Dimensão (Inter) Subjetiva do Pensar Alto em Grupo e a Coconstrução de Sentidos em uma Vivência de Leitura Literária* explora a prática dialógica Pensar Alto em Grupo (PAG) como alternativa às abordagens monológicas predominantes no ensino de leitura. Fundamentado no dialogismo do Círculo de Bakhtin, o estudo analisa interações entre alunos participantes de um curso de extensão, durante a leitura do poema *Rosa* de Cecília Meireles. A prática do PAG, realizada em 2021, revelou a emergência de múltiplas interpretações, coconstruídas a partir das experiências e subjetividades dos leitores, destacando a importância de um espaço democrático e colaborativo no ensino de literatura. O trabalho propõe o PAG como uma abordagem inovadora e transformadora, que valoriza a subjetividade e promove a interação interpretativa.

Por sua vez, *Entre Vozes, Gestos e Silêncios: As Obras de Clarice Lispector e de Isabela Freitas Formando Leitores* apresenta um recorte de pesquisa de doutorado em andamento, abordando a recepção de duas narrativas distintas em uma turma de 1º ano do Ensino Médio: *Não se apega, não* (Isabela Freitas) e *Uma aprendizagem ou o Livro dos prazeres* (Clarice Lispector). Utilizando o método recepcional como base e complementado por outras estratégias pedagógicas, como intervalos de leitura, conversa literária e escuta atenta, o estudo identifica quatro categorias de leitura: identificação, construção coletiva de hipóteses, engajamento e comparação. Os resultados mostram como as obras geraram conexões entre as experiências dos alunos e os textos, incentivando o desenvolvimento da leitura subjetiva e fortalecendo a compreensão literária.

Leitura Subjetiva e Escola: Tensões e Caminhos para a Leitura Literária aborda o conceito de leitura subjetiva no ensino de literatura, refletindo sobre como essa abordagem pode favorecer a formação identitária dos estudantes. Fundamentado em teorias como a estética da recepção (Jauss, Iser) e reflexões de autores como Rouxel e Larrosa, o texto analisa as tensões entre subjetividade e interpretação no ambiente escolar. A partir de uma perspectiva teórico-reflexiva, a autora discute como práticas pedagógicas mais inclusivas e dialógicas podem integrar a subjetividade do aluno no processo de leitura literária, contribuindo para uma experiência estética e interpretativa que potencializa a formação humana e crítica.

O artigo *Da Leitura Religiosa à Leitura Literária: reflexões sobre a formação de leitores em língua portuguesa entre os séculos XVI e XVIII* analisa como o ensino de leitura e a formação de leitores no contexto lusitano do Renascimento ao Iluminismo estavam atrelados à expansão imperial, à consolidação da língua portuguesa como vernáculo oficial e à formação de um cânone literário. A pesquisa explora os efeitos históricos, sociais e políticos da escolarização e gramatização sobre a leitura subjetiva, abordando conceitos como colonialidade e escolarização. Conclui que, embora a leitura literária

tenha emergido como prática formal no século XIX, sua institucionalização limitou as possibilidades interpretativas e subjetivas dos leitores, restringindo-as a normas canônicas.

Já o artigo *Minha vida tá um mar de Bering: leitura subjetiva do miniconto ‘Confissão’ na Educação de Jovens e Adultos* apresenta uma análise sobre a prática de leitura subjetiva no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com base em uma pesquisa-ação realizada no âmbito do Profletras, o estudo relata o impacto de Rodas de Conversa Literária, nas quais estudantes foram convidados a ler e discutir o miniconto *Confissão*, de Lygia Fagundes Telles. As análises exploram como a escolha e os comentários dos educandos sobre o texto revelaram suas subjetividades, intersubjetividades e relações com o cotidiano. A pesquisa defende a importância da curadoria literária e da didática da implicação como estratégias para promover a formação de leitores críticos, sensíveis e autônomos em contextos educacionais marginalizados.

E *Memoriais de Leitura na Formação de Professores e Professoras* apresenta uma análise de 102 memoriais de leitura elaborados por licenciandos da Faculdade de Educação da USP, em 2015. A pesquisa investiga como essas narrativas autobiográficas contribuem para a formação dos sujeitos leitores, destacando o papel da mediação familiar e escolar, as distinções entre leituras prazerosas e obrigatórias e os impactos da leitura literária na subjetividade. Fundamentado em teóricos como Michèle Petit, Serge Moscovici e Roger Chartier, o estudo propõe 15 categorias de análise, que incluem o papel do mediador, a sociabilidade e o contato inicial com a leitura. O texto conclui que a prática literária, permeada por afetos e contextos, tem papel central na formação de leitores críticos e reflexivos, especialmente na educação de futuros professores e futuras professoras.

Em *O leitor e a construção de sentidos em A carta*, de Mia Couto, a *Estética da Recepção*, proposta por Hans Robert Jauss, é base para a análise da interação entre leitor, texto e autor. Por meio da crônica *A carta*, de Mia Couto, discute-se como o cruzamento entre os horizontes de expectativas da obra e do leitor promove a construção de significados. O artigo destaca o papel ativo do leitor como coautor, que atualiza e transforma os sentidos do texto em diferentes contextos históricos e sociais.

Já em *Esse personagem é surdo? Leituras subjetivas de livros ilustrados sem palavras feitas por surdos universitários*, há a análise de experiências de leitura de universitários surdos em práticas mediadas de livros ilustrados sem palavras. Baseando-se em teóricos como Bértolo e Arizpe, o estudo explora como a camada autobiográfica de leitura permite que os leitores surdos projetem suas vivências e identidades nos textos visuais. A análise das leituras das obras *O Menino-Vazio*, *Cena de Rua* e *A Chegada* destaca interpretações únicas dos participantes, como a percepção de personagens como surdos, mesmo sem indícios textuais explícitos. O texto enfatiza ainda o papel do mediador em guiar leituras mais profundas, promovendo a valorização das subjetividades e incentivando a autonomia interpretativa dos leitores.

O artigo *O Sujeito Leitor e Suas Impressões de Leitura: Experiências de Leitura Literária no Programa do Diploma Internacional (IB – International Baccalaureate)* analisa a subjetividade do leitor em práticas de leitura literária realizadas com alunos do programa IB. Fundamentado em teorias da recepção (Jauss, Iser) e estudos sobre leitura subjetiva (Rouxel, Jouve), o texto discute a interação entre o sujeito

leitor e a obra literária em um ambiente educacional que valoriza a leitura autônoma e a interpretação pessoal. A pesquisa utilizou questionários, rodas de leitura e discussões para investigar as impressões dos estudantes sobre textos literários, destacando como a leitura favorece processos identitários e de alteridade. O estudo argumenta que a mediação docente e a valorização das interpretações individuais são essenciais para o desenvolvimento de leitores críticos e implicados.

Já Implicação subjetiva, experiência e deslocamentos no encontro com 'A Máscara da Morte Escarlate' apresenta um recorte de pesquisa de doutorado em Estudos da Linguagem, voltado para a implicação subjetiva na formação de leitores. O estudo discute a necessidade de metodologias de ensino de literatura que ultrapassem abordagens tradicionais e promovam uma formação leitora mais profunda. A pesquisa analisou diálogos entre estudantes do Ensino Fundamental durante práticas de leitura compartilhada do conto "A Máscara da Morte Escarlate", de Edgar Allan Poe, explorando como a subjetividade do leitor influencia a interpretação e a experiência literária. Os resultados indicam que o compartilhamento da leitura e a expressão das impressões subjetivas favorecem a compreensão dos procedimentos composicionais da obra e tornam o ensino de literatura mais significativo.

Por fim, a Entrevista com Eliana Yunes aborda temas fundamentais relacionados ao ensino da literatura e à leitura. A professora e pesquisadora reflete sobre sua formação como leitora e seu trabalho como educadora, destacando o impacto transformador da leitura literária na subjetividade e na construção social. A conversa explora questões como o papel da escola na formação de leitores, a relação entre literatura, afeto e inteligência, e a necessidade de narrar como característica inerente à condição humana. A entrevistada enfatiza a importância de práticas literárias significativas, que promovam conexões entre os textos e a vida contemporânea, e critica a instrumentalização da literatura na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Yunes também compartilha suas perspectivas sobre o futuro do ensino da literatura, defendendo uma educação que valorize a sensibilidade, a contemplação e a transformação social.

Gérard Langlade, em seu artigo de 2004, publicado na coletânea brasileira em 2013, argumenta que a postura implicada do sujeito leitor é uma necessidade funcional da leitura. Ele afirma que:

em toda experiência de leitura literária, os distúrbios, as emoções, os devaneios, as associações de ideias ou mesmo vinculações espontâneas, que têm suas raízes na personalidade profunda, na história pessoal, nas recordações literárias ou lembranças de momentos vividos do indivíduo que lê, são considerados elementos parasitas que falseiam, embaçam e emaranham a recepção de uma obra a ponto de lançá-la para fora do campo da literatura. (Langlade, [2004] 2013, p. 25)

Langlade defende, contudo, que "As reações subjetivas, ao invés de excluir as obras para 'fora da literatura', seriam na verdade catalisadoras de leitura que alimentariam o trajeto interpretativo até a sua dimensão reflexiva" (Langlade, 2013, p. 30-31). Seu artigo evidencia uma mudança de paradigma: a valorização do leitor como agente ativo no processo de leitura, tanto na teoria literária quanto no ensino da literatura. É disso que tratam os textos aqui apresentados, de perspectivas diversas, mas sempre tratando das reações subjetivas, por sua existência ou impossibilidade de presença, no ensino de literatura.

REFERÊNCIAS

- Barthes, R. (2006). *O prazer do texto*. São Paulo, Perspectiva.
- Brasil. (2006). *Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.
- Chartier, A. M. (1990). *Lecture scolaire. Les années de crise*. *Revue française de pédagogie*, 90, 5-15.
- Eco, U. (1989). *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva.
- Iser, W. (1996). *O ato da leitura*. São Paulo: Editora 34.
- Jauss, H. R. (1994). *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática.
- Jouve, V. (2013). A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas (N. L. Rezende, Trad.). In A. Rouxel, G. Langlade, & N. L. Rezende (Orgs.), *Leitura subjetiva e ensino de literatura* (pp. 53-65). São Paulo: Alameda.
- Langlade, G. (2013). O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In A. Rouxel, G. Langlade & N. L. Rezende (Orgs.), *Leitura subjetiva e ensino de literatura* (pp. 53-65). São Paulo: Alameda.
- Pinto, F. N. P. (2022). *Leitura subjetiva de literatura e leitura literária: entrevista com Neide Rezende*. *Humanidades e Inovação*, 9(12), 273-278. Disponível em 22 de dez. de 2024, de <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/7435>
- Rezende, N. L., & Pinto, F. N. P. (2021). Apresentação. *EntreLetras*, 11(2), 1-5. Disponível em 22 de dez. de 2024, de <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/11688/18483>
- Rezende, N. L. (2017). O ensino de literatura sob o viés da licenciatura. *Literatura e Sociedade*, 24, 114-124. Disponível em 22 de dez. de 2024, de <https://revistas.usp.br/ls/article/view/144257/138663>
- Rouxel, A. (2012). Mutações epistemológicas e o ensino de literatura: o advento do sujeito leitor. *Revista Criação & Crítica*, n. 9, p.13-24, nov. 2012. Disponível em 24 de dez. De 2024, de <https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46858/50609>
- Rouxel, A. (2013). Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In M. A. Dalvi, N. L. Rezende, & R. Jover-Faleiros (Orgs.), *Leitura de literatura na escola* (pp. 17-33). São Paulo, SP: Parábola.
- Rouxel, A., Langlade, G., & Rezende, N. L. (Orgs.). (2013). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda.